

## O QUE ALUNOS(AS) DAS 7ª SÉRIES DE UMA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL DE ARACAJU QUEREM OU NÃO SABER SOBRE SEXUALIDADE

Mônica Ismerim Barreto

### RESUMO

Antes de iniciar um trabalho de educação sexual é importante que se conheça as reais necessidades e expectativas dos alunos (RIBEIRO, 1993). Dessa forma, procurou-se com esse trabalho identificar o interesse/desinteresse de alunos de 7ª série de uma escola municipal da Aracaju/SE sobre temas ligados à sexualidade. Para tanto um questionário foi respondido por 61 alunos(as) no qual assinalaram o grau de interesse/desinteresse sobre doze temas apresentados (abuso sexual, DST/AIDS, gravidez na adolescência, homossexualidade, masturbação, menstruação, métodos contraceptivos, namoro, prazer, relações de gênero, relações sexuais, sistemas reprodutores). Os resultados mostraram que os temas: ‘namoro’ e ‘relações sexuais’ foram os indicados como mais interessantes pelos jovens. Porém, meninos e meninas apresentaram interesses diferentes além de ‘namoro’. Essas diferenças provavelmente se devem à importância que socialmente é atribuída a cada tema para determinado sexo.

Palavras-chave: Educação sexual; Ensino de Ciências; Gênero

### Introdução

Embora a sexualidade seja um tema sempre presente no cotidiano, no âmbito escolar a discussão desse assunto não ocorre de forma pacífica. Existem tensões entre os diversos atores que estão envolvidos com a educação dos jovens, desde direção, alunos(as) professores(as), pais e até mesmo grupos religiosos. Isso porque a discussão de temas ligados à sexualidade além de estar permeados por mitos e tabus dos mais diversos, envolve assuntos considerados de foro íntimo.

Como assinala Groppa Aquino (1997, p. 7) “no imaginário de pais, professores e alunos, a díade educação/sexualidade é, quase invariavelmente, um ingrediente exótico de uma receita, ao final, indigesta”.

A discussão da sexualidade na escola suscita polêmicas. Alguns pais receiam que a discussão de determinados assuntos estimule seus filhos e filhas a iniciarem a vida sexual. Outros temem que os professores passem aos seus filhos e filhas valores diferentes do que acreditam. (FIGUEIRÓ, 2009). Além disso, temas ligados à sexualidade estão repletos de



interditos e castrações. Ao promover a discussão da sexualidade no ambiente escolar deve-se ter em mente que esse tema, por si só, envolve uma diversidade de crenças, visões, valores de todos aqueles que fazem parte da comunidade escolar.

Mesmo que alguns atores envolvidos no processo educativo dos alunos e alunas sejam contra a discussão de temas ligados à sexualidade em sala de aula, existe na escola, mesmo que de forma não tão explícita, um discurso sobre sexualidade. Pode-se observar a presença de temas ligados à sexualidade nas conversas das moças e rapazes, no tratamento diferenciado (ou igual) para meninos e meninas, nas formas de se vestir, nos adereços e nos olhares. Esse olhares não acontecem apenas entre os adolescentes, mas também de adultos zelosos pelos bons costumes. São olhares censores e vigilantes não só aos namoros, mas também na forma de vestir e comportar.

Vigia-se na escola, se os estudantes desempenham corretamente os papéis ligados ao seu sexo biológico. As expectativas sobre o sucesso de meninos e meninas em determinadas disciplinas também tem um conteúdo sexista. Da mesma forma, a roupa, os modos de se sentar ou falar ainda são vistos como pertencentes a um ou outro sexo. (BRASIL, 1998)

Ao separar comportamentos e atitudes como pertencentes a um ou outro sexo, ao permitir ou não a expressão das diversas formas de sexualidade, ao reforçar ou inibir valores e crenças que eram e ainda são transmitidos de geração a geração, a escola está realizando uma forma de Educação Sexual. Uma Educação Sexual não intencional, informal, mas que tem as características apontadas por Werebe (1998) para essa atividade: são “ações, deliberadas ou não, que se exercem sobre um indivíduo, desde seu nascimento, com repercussão direta ou indireta sobre suas atitudes, comportamentos, opiniões, valores ligados à sexualidade.” (WEREBE, 1998 p.139). Essa Educação Sexual que ocorre de forma não intencional e sem planejamento, é denominada por Werebe (1998) de ‘Educação Sexual Informal’.

Entretanto, a escola não é o único ambiente no qual existe a Educação Sexual Informal; ela tem início desde o nascimento do indivíduo, quando valores e crenças de todo o grupo familiar são transmitidos à criança, mesmo que isso aconteça de forma sutil, sem que o tema seja abordado abertamente. O comportamento dos pais entre si e na relação com os filhos, o tipo de cuidados, as recomendações, as expressões, gestos e proibições

que se estabelecem nesse relacionamento, são mensagens impregnadas de valores que vão ser passados e apreendidos pelas crianças (BRASIL, 1998).

Afora isso, existe ainda a influência extra-familiar, de pessoas que são significativas para o indivíduo, da mídia, dos livros e da produção artístico-cultural. Aqui cabe ressaltar o papel marcante da televisão na construção da sexualidade das crianças e adolescentes. O erotismo nas novelas, filmes e propagandas tem gerado excitação e incremento na ansiedade relacionada à sexualidade (SAYÃO,1997).

Além da Educação Sexual Informal, a escola também pode realizar a ‘Educação Sexual Intencional’, que compreende: “as intervenções deliberadas, sistemáticas, em geral regulares e planejadas, relativas ao domínio da vida sexual” (WEREBE, 1998 p. 155).

A escola é considerada por Ribeiro (1996) como o espaço mais apropriado para desenvolver o trabalho de educação sexual. Isto porque “reúne diariamente um determinado número de jovens com interação social e afetiva já estabelecida, o que facilita o desenvolvimento do trabalho e sua continuidade.” (p. 199). Esse autor ressalta a importância do desenvolvimento de um trabalho de Educação Sexual por que “ a criança e o jovem que não tenham, na idade em que essas questões aparecem suas demandas atendidas, podem muitas vezes crescer ansiosos [...] tornando-se pessoas que não sabem lidar de forma mais integrada com suas emoções e sexualidade.” (RIBEIRO, 1996 p.199).

Paschoal Lemme, um dos signatários do Manifesto dos Pioneiros da Educação de 1932, indica em suas memórias um desconhecimento muito grande por parte dos meninos de sua época sobre assuntos ligados à sexualidade. As dúvidas quanto às sensações estranhas causadas pela ebulição dos hormônios levava os adolescentes a explicações desenvolvidas por eles mesmos, pois faltava a esses jovens, em pleno início do século XX, qualquer tipo de educação sexual. Essa falta de interlocutores que pudessem responder seus questionamentos criou, segundo esse educador, alguns problemas que poderiam ter sido evitados se tivesse recebido os esclarecimentos necessários. Nas palavras de Lemme:

Em minha educação sexual, essa aparente austeridade dos familiares não foi nada favorável: desvios poderiam ter sido evitados se tivesse recebido a essa altura da vida uma palavra esclarecedora. A educação sexual é necessária: quando e por quem deve ser feita é que é o problema, mas que não é insolúvel. (LEMME, 2004 p. 70-71)

Alguns autores, ao se referirem à educação sexual que é realizada de forma intencional no âmbito escolar, utilizam a terminologia “Orientação Sexual” como forma de diferenciar essa prática educativa da que ocorre de forma não intencional (informal). Porém, neste trabalho, vamos adotar a expressão “Educação Sexual” para designar a prática educativa intencional que é realizada no espaço escolar, pois entendemos, assim como Werebe (1998) e Figueiró (2006), que este termo é o que melhor se aplica a esse tipo de trabalho. Os motivos que fundamentam essa escolha são dois: o primeiro é para promover a distinção entre o termo “Orientação Sexual” que é utilizado para designar orientação do desejo (que pode ser homossexual, bissexual ou heterossexual). A utilização dessa nomenclatura que tem conotações diferentes pode gerar dificuldades de compreensão, e acreditamos ser necessário maior clareza nos conceitos utilizados. O segundo motivo é por acreditar, como nos diz Figueiró (2006, p.48), que

a expressão ‘educação sexual’ é mais apropriada porque é coerente com a concepção do método de educação, no qual o educando participa do processo de ensino e aprendizagem como sujeito ativo e não como mero receptor de conhecimentos, informações e/ou orientações.

É esse tipo de educação, em que o aluno se faz sujeito da aprendizagem, e na qual ele é levado a construir seus próprios valores e crenças, de forma livre, que estamos nos referindo quando falamos de Educação Sexual. Acreditamos que a educação deve propiciar a autonomia do educando, para que ele possa aprender a tomar decisões sobre sua vida. A construção dessa autonomia exige que se faça uma educação em que o aluno possa falar livremente sobre o assunto, para assim refletir e consolidar posições próprias, fundamentadas não em um posicionamento externo, mutável, mas em seus próprios valores e crenças. (FERNÁNDEZ, 1994)

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas transversais (BRASIL, 1998), a maneira como a educação sexual é realizada na escola geralmente não contempla os anseios e as curiosidades das crianças e adolescentes. Isto sucede porque o enfoque é centralizado, na maioria das vezes, apenas no corpo biológico, não incluindo, portanto, os outros aspectos da sexualidade.

Esse documento sugere que a educação sexual deve ser tratada em três vertentes: ‘o corpo’, como matriz da sexualidade, as ‘relações de gênero’, e a ‘prevenção de doenças sexualmente transmissíveis /AIDS’. Dessa forma, podemos observar que das três vertentes

sugeridas para trabalhar sexualidade em sala de aula, duas (o corpo e a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis /AIDS) tem estrita ligação com aspectos biológicos. Embora esse documento indique a sexualidade como fonte de prazer, apresenta também um constante reforço na prevenção de uma gravidez ‘indesejada’ e nas doenças sexualmente transmissíveis. (BRASIL, 1998)

Ribeiro (1993) indica que antes de iniciar um trabalho de Educação Sexual é importante procurar conhecer as reais necessidades e expectativas do grupo com quem se pretende desenvolver as atividades. Segundo esse educador “o conteúdo deve partir do interesse dos alunos” (RIBEIRO, 1996 p.199).

De acordo com Rodrigues Júnior (1993)

o jovem raramente busca informações sobre contracepção, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez ou aspectos reprodutivos da fisiologia humana. O adolescente quer saber sobre o comportamento sexual: o coito em si, a masturbação, os atos e práticas que conduzem à relação sexual (p.103)

Já para Werebe (1998), as diferentes práticas sexuais, as relações sexuais orais e anais, a contracepção, o aborto, a homossexualidade e a masturbação são alguns dos temas que interessam aos jovens.

Meninos e meninas podem expressar de forma diferente a curiosidade sobre aspectos ligados à sexualidade. Para os meninos, discutir abertamente a sexualidade é uma atitude bem vista. Já as meninas procuram não agir de forma a explicitar seus desejos. De acordo com Youdell (2005 apud PAECHTER, 2009 p. 161)

não se espera que as meninas falem sobre sexo. [...] o silêncio pode ser crucial para a reputação da adolescente. [...] Uma menina não deveria discutir sua atividade sexual com ninguém, nem mesmo com amigas. [...] Na constituição das feminidades heterossexuais das meninas, a atividade sexual só está protegida da interpelação performativa contaminada se estas não conversarem sobre sexo. Ou seja, o desejo feminino deve ser silenciado.

As diferenças de cobrança dos comportamentos para meninas e meninos não difere apenas nesse ponto. Quando o assunto é homossexualidade, meninos são bem mais agressivos que meninas (CASTRO;ABRAMOVAY; SILVA, 2004)

Paechter (2009) relata que em um estudo realizado por Kehily, os meninos acreditavam que “até mesmo falar sobre relações homossexuais fosse potencialmente castrador”. (PAECHTER, 2009 p. 159). Segundo essa autora, o medo de ser reconhecido

como homossexual, e das agressões homofóbicas fazem com que esses jovens rejeitem qualquer tipo de amizade com homossexuais.

Na pesquisa “Juventudes e Sexualidades”, organizada por Castro, Abramovay e Silva (2004) uma das questões solicitou que adolescentes indicassem, de uma relação proposta pela pesquisa, as cinco formas mais graves de violência. Entre as meninas o item ‘Bater em homossexuais’ foi classificada como a terceira violência mais grave, depois de ‘Atirar em alguém’ e ‘Estuprar’. Para os rapazes esse item ocupa a sexta posição, depois de ‘Atirar em alguém’, ‘Estuprar’, ‘Usar drogas’, ‘Roubar’ e ‘Andar armado’. As autoras ressaltam o fato de as meninas serem mais sensíveis a esse tipo de violência que os meninos. Segundo essas autoras, entre alunos jovens, a discriminação contra homossexuais não só é assumida mais livremente, como também valorizada entre eles, o que sugere um “padrão de masculinidade por estereótipos e medo ao estranho próximo, o outro, que não deve ser confundido consigo”. (p. 280)

Considerando a necessidade de conhecer os temas ligados à sexualidade que maior interesse têm para os alunos antes de iniciar um trabalho de Educação Sexual, faz-se necessário realizar uma investigação que aponte os temas mais instigantes para os jovens, bem como aqueles que são considerados por eles como intocáveis, que não devem ser mencionados em sala de aula.

Assim, esse trabalho tem como objetivo identificar os temas ligados à sexualidade que suscitam maior/ menor ou nenhum interesse de alunos e alunas de 7ª séries (8º anos) do ensino fundamental, onde o conteúdo ‘Reprodução Humana’ é tradicionalmente ministrado.

## **METODOLOGIA**

Considerando que a pesquisa pretende investigar a opinião dos alunos e alunas sobre quais temas ligados à sexualidade que seriam mais interessantes, e que a exposição de determinada preferência por tais temas poderia gerar constrangimentos aos pesquisados, optamos pelo questionário anônimo como instrumento de coleta de dados. De acordo com Gil (2007) o questionário tem por objetivo “o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas”. (p. 128)

O constrangimento em assinalar a preferência por determinado tema pode ser minimizado pelo anonimato propiciado pelo questionário, pois conforme indica Richardson (1999 p. 205) “no caso do questionário anônimo (que não inclui o nome do entrevistado) as pessoas podem sentir-se com maior liberdade para expressar suas opiniões.” Como forma de garantir o anonimato os questionários receberam uma numeração, que será utilizada na análise.

Para atender ao objetivo central desse trabalho, foram elencados doze temas: abuso sexual, DST/AIDS, gravidez na adolescência, homossexualidade, masturbação, menstruação, métodos contraceptivos, namoro, prazer, relações de gênero, relações sexuais e sistemas reprodutores, para os quais os alunos deveriam assinalar o grau de interesse em cada um, sendo quatro as respostas possíveis: SIM (muito interessante, deve ser abordado em sala); TANTO FAZ (indica indiferença ao tema); NÃO (não é interessante) e NUNCA (não deve ser abordado em sala).

Os questionários foram aplicados a 31 alunos e 37 alunas de 7ª séries (8º anos) do ensino fundamental, que apresentavam idades entre 12-17 anos, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Deputado Jaime Araújo, localizada no bairro Soledade, em Aracaju, Sergipe.

As respostas foram organizadas em dois grupos: o que assinala rejeição ao tema (NÃO e NUNCA); e os que não indicam rejeição (SIM e TANTO FAZ). A fim de obter um índice que indicasse os temas de maior interesse para os alunos foi construída uma escala de graduação onde foram atribuídos pesos diferenciados para as respostas. Para o grupo de respostas que indicam rejeição a determinado assunto, as questões assinaladas como NÃO foi atribuído peso 1; e para as que foram marcadas como NUNCA o peso atribuído foi 2. Dessa forma o resultado que apresenta valor mais alto é o mais rejeitado. Já para o segundo grupo de respostas que não indicam rejeição ao tema proposto, foram atribuídos os seguintes pesos: para as questões assinaladas com SIM, peso 2 e para as assinaladas com TANTO FAZ – peso 1. Nesse grupo o valor mais alto indica menor rejeição ao tema.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

Os resultados obtidos após a tabulação mostram os temas considerados mais interessantes pelos alunos e alunas por turma (Tabela 1), os mais rejeitados (Tabela 2). Os dados foram também separados por sexo, ficando na Tabela 3 os temas de maior interesse e na Tabela 4 os de menor interesse.

**Tabela 1 – Resultado da escala de graduação de interesse por turma e sexo**

TEMAS (Sim; Tanto faz)	Turma A		Turma B		Turma C		Total
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	
Namoro	23	19	17	25	17	9	<b>110</b>
Relações sexuais	13	16	16	18	19	13	<b>95</b>
Prazer	13	17	18	23	13	8	<b>92</b>
Gravidez na adolescência	16	3	18	15	20	8	<b>80</b>
DST/AIDS	12	2	13	13	16	9	<b>65</b>
Abuso sexual	8	5	16	8	17	10	<b>64</b>
Menstruação	14	7	16	4	17	6	<b>64</b>
Sistemas reprodutores	11	10	11	10	13	5	<b>60</b>
Métodos contraceptivos	6	11	11	13	7	7	<b>55</b>
Relações de gênero	13	11	8	9	7	3	<b>51</b>
Masturbação	5	7	8	14	5	8	<b>47</b>
Homossexualidade	8	4	7	6	5	3	<b>33</b>

Os três temas assinalados como mais interessantes pelos alunos e alunas foram, respectivamente: Namoro, Relações Sexuais e Prazer. Estes temas foram os que receberam menos indicações de rejeição (Tabela 2). Os dados obtidos corroboram as informações de Rodrigues Júnior (1993) para quem esses temas seriam de maior interesse para jovens. Sobre o namoro, esse autor assinala que é uma das fontes de ansiedade e conflito dos jovens: “não aprendemos formalmente como devemos namorar. Não sabemos técnicas, e nem mesmo como se beija!” (RODRIGUES JÚNIOR, 1993 p. 105).

Os dois temas seguintes na escala foram: Gravidez na Adolescência e DST/AIDS. Tais resultados estão em desacordo com o assinalado por Rodrigues Júnior (1993) para quem os jovens não demonstram interesse por temas como gravidez ou doenças sexualmente transmissíveis. Porém, quando olhamos os temas que receberam maiores indicações de rejeição, observamos que DST/AIDS ocupa a 4ª posição, perdendo apenas para Homossexualidade, Abuso Sexual e Masturbação, que são assuntos delicados, e em

alguns casos verdadeiros tabus, dos quais se evita falar. Tal contradição pode estar ligada à faixa etária dos alunos e alunas.

O tema DST/AIDS não recebeu indicações de rejeição por parte dos alunos(as) mais velhos(as) (7ª C) para quem o tema pode ser de interesse. De acordo com os dados obtidos na pesquisa “Jovens de Sergipe”, Charlot (2006) cerca da metade dos rapazes já teve uma relação sexual e ¼ das adolescentes de 15 anos indicaram já ter iniciado a vida sexual. Possivelmente, o tema não é rejeitado nessa turma por já existirem alunos que iniciaram a vida sexual ou estão em vias de iniciar.

**Tabela 2 – Resultado da escala de graduação de rejeição por turma e sexo**

TEMAS (Nunca; Não)	Turma A		Turma B		Turma C		Total
	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	Meninas	Meninos	
Homossexualidade	9	9	5	10	6	6	<b>45</b>
Abuso sexual	20	10	3	9	0	2	<b>44</b>
Masturbação	15	6	7	5	3	2	<b>38</b>
DST/AIDS	13	13	5	6	0	0	<b>37</b>
Métodos contraceptivos	11	5	6	6	5	3	<b>36</b>
Relações de Gênero	7	4	9	6	4	6	<b>36</b>
Gravidez na adolescência	12	10	2	7	0	3	<b>34</b>
Menstruação	9	5	2	12	0	3	<b>31</b>
Sistemas reprodutores	8	5	5	6	1	2	<b>27</b>
Relações sexuais	10	2	5	2	0	0	<b>19</b>
Prazer	7	0	0	0	2	1	<b>10</b>
Namoro	4	0	1	0	1	1	<b>7</b>

O tema Masturbação, indicado por Werebe (1998) e Rodrigues Júnior (1993) como de interesse dos jovens foi o segundo menos assinalado e o 3º mais rejeitado. Heilborn et al (2006) ao pesquisarem sobre sexualidade e reprodução de jovens brasileiros, assinala que a Masturbação é considerada como ‘vício’ por ¼ dos pesquisados. Como aponta Furlani (2003) existem mitos e tabus cercando essa automanipulação dos genitais. O próprio termo, que segundo essa autora, significa “estuprar, violar com a própria mão” (FURLANI, 2003 p.134) carrega uma conotação negativa. Além disso, Furlani (2003) lembra que, quando crianças, somos ensinados a não manipular os genitais, e a associar tal ato a algo feio, sujo. Provavelmente estes componentes citados por Heilborn et al (2006) e Furlani (2003): masturbação vista como vício, feia, suja, possam estar presentes no imaginário de alunos e alunas que rejeitam esse tema.

Werebe também apontou o tema Homossexualidade como um assunto que interessa os jovens, porém esse tema foi o menos assinalado como de interesse de alunos e alunas. Esse assunto foi também o mais rejeitado. Essa rejeição ao tema provavelmente se estende à pessoa do homossexual, como observado na pesquisa “Juventudes e Sexualidades” na qual 25% dos alunos e alunas pesquisados assinalou que “não gostaria de ter homossexuais como colegas de classe” (CASTRO, ABRAMOVAY, SILVA 2004 p.281). Como assinala Charlot (2006 p. 138), “muitos jovens, no fundo, repelem a homossexualidade”. Essa rejeição se reflete na indicação de não interesse pelo tema e pela rejeição que observamos contra o mesmo.

Os jovens pesquisados não demonstraram muito interesse em Métodos contraceptivos, ele foi o 9º mais votado na escala de interesse e ocupa a 5ª posição na escala de rejeição. Considerando que estes alunos e alunas demonstraram interesse pelo tema Gravidez na adolescência, o não interesse e uma certa rejeição ao tema Métodos contraceptivos pode apontar dificuldades com esses métodos. A dificuldade de acesso a métodos contraceptivos é um dos motivos apontados por Charlot (2006) para a não utilização desses métodos por adolescentes.

Outro tema apontado por alunos e alunas como de pouco interesse foi Sistemas Reprodutores, que ocupa a 8ª posição na escala de interesses da Tabela 1. Porém esse tema foi pouco rejeitado, ocupando a 9ª posição na tabela de temas rejeitados. Dessa forma, embora alunos e alunas não assinalem interesse em conhecer aspectos da anatomia e fisiologia dos genitais, fato esse em concordância com a indicação de Rodrigues Júnior (1993), também não rejeitam o tema. Provavelmente percebem que para melhor compreensão de temas de maior interesse, como Relações Sexuais, faz-se necessário o estudo dos Sistemas Reprodutores.

Quando observamos os resultados separados por sexo (Tabela 3), vemos diferenças no interesse/desinteresse de meninos e meninas sobre os temas apresentados.

**Tabela 3 – Resultado da escala de interesse por tema e sexo**

	MENINAS	TOTAL		MENINOS	TOTAL
1º	Namoro	<b>57</b>	1º	Namoro	<b>53</b>
2º	Gravidez na adolescência	<b>54</b>	2º	Prazer	<b>48</b>
3º	Relações sexuais	<b>48</b>	3º	Relações sexuais	<b>47</b>
4º	Menstruação	<b>47</b>	4º	Métodos contraceptivos	<b>31</b>
5º	Prazer	<b>44</b>	5º	Masturbação	<b>29</b>

6º	Abuso sexual	<b>41</b>	6º	Gravidez na adolescência	<b>26</b>
7º	DST/AIDS	<b>41</b>	7º	Sistemas reprodutores	<b>25</b>
8º	Sistemas reprodutores	<b>35</b>	8º	DST/AIDS	<b>24</b>
9º	Relações de Gênero	<b>28</b>	9º	Abuso sexual	<b>23</b>
10º	Métodos contraceptivos	<b>24</b>	10º	Relações de Gênero	<b>23</b>
11º	Homossexualidade	<b>20</b>	11º	Menstruação	<b>17</b>
12º	Masturbação	<b>18</b>	12º	Homossexualidade	<b>13</b>

Embora para meninos e meninas os temas Namoro e Relação Sexual sejam interessantes, existem diferenças quanto ao 2ª tema de maior interesse. Para meninas o 2º tema de maior interesse é Gravidez na Adolescência e para meninos é Prazer.

O assunto Gravidez na adolescência é o 2º em preferência para meninas e o 6º para meninos. Além de ser o 6º na escala de interesses dos alunos, foi também o 3º tema mais rejeitado pelos meninos (Tabela 3), perdendo apenas para Homossexualidade e Abuso Sexual, dois temas tabus. Essa diferença de interesse/desinteresse entre meninos e meninas se deve provavelmente à ideia que a gravidez é um tema que deve preocupar a mulher, pois como indicam Castro, Abramovay e Silva (2004 p.148) “a ênfase é sobre as meninas – essas é que devem ser ensinadas, o que sugere a reprodução de numa ideologia pela qual cabe somente às mulheres a responsabilidade para com a relação entre sexualidade e fecundação.”

**Tabela 3 – Resultado da escala de rejeição a determinado tema por tema e sexo**

	<b>MENINAS</b>	<b>TOTAL</b>		<b>MENINOS</b>	<b>TOTAL</b>
<b>1º</b>	Masturbação	<b>25</b>	<b>1º</b>	Homossexualidade	<b>24</b>
<b>2º</b>	Abuso sexual	<b>23</b>	<b>2º</b>	Abuso sexual	<b>21</b>
<b>3º</b>	Métodos contraceptivos	<b>22</b>	<b>3º</b>	Gravidez na adolescência	<b>20</b>
<b>4º</b>	Homossexualidade	<b>20</b>	<b>4º</b>	Menstruação	<b>20</b>
<b>5º</b>	Relações de Gênero	<b>20</b>	<b>5º</b>	DST/AIDS	<b>19</b>
<b>6º</b>	DST/AIDS	<b>18</b>	<b>6º</b>	Relações de Gênero	<b>16</b>
<b>7º</b>	Relações sexuais	<b>15</b>	<b>7º</b>	Métodos contraceptivos	<b>14</b>
<b>8º</b>	Gravidez na adolescência	<b>14</b>	<b>8º</b>	Masturbação	<b>13</b>
<b>9º</b>	Sistemas reprodutores	<b>14</b>	<b>9º</b>	Sistemas reprodutores	<b>13</b>
<b>10º</b>	Menstruação	<b>11</b>	<b>10º</b>	Relações sexuais	<b>4</b>
<b>11º</b>	Prazer	<b>9</b>	<b>11º</b>	Namoro	<b>1</b>
<b>12º</b>	Namoro	<b>6</b>	<b>12º</b>	Prazer	<b>1</b>

Já o tema Prazer, que está no 2º lugar na escala de interesses dos meninos, ocupa a 5ª posição no interesse das meninas. Porém, esse tema não é rejeitado por meninas ou meninos, ocupando, respectivamente, a 11ª e 12ª posições da escala de rejeição. Estes dados indicam um provável receio das meninas em assinalar interesse pelo tema Prazer, pois provavelmente associam Prazer à ‘Prazer Sexual’, já que como assinala Furlani (2003), existe uma ideia que as mulheres ‘naturalmente’ têm menos interesse em sexo que os homens. Porém, mesmo não assinalando interesse no tema, as alunas deixaram claro que não rejeitam o tema e esse pode (e deve) ser abordado em sala.

Chama atenção o fato que o tema Métodos Contraceptivos além de ser pouco citado (10ª posição de um total de 12) ficou em 5º lugar para não abordagem em sala. Porém ao observarmos meninos e meninas separadamente vemos que a rejeição ao tema se dá mais por parte das meninas., esse tema foi a 3ª mais rejeitada. Para os meninos foi a 7ª mais rejeitada. Não é de interesse desses adolescentes a informação sobre métodos que evitem uma gravidez, embora o tema ‘gravidez na adolescência’ seja o quarto mais citado como interessante.

De forma interessante, embora para as meninas o tema Métodos Contraceptivos seja indicado como pouco atrativo, lembramos que Gravidez na Adolescência é o 2º mais interessante para elas. Talvez pelo fato da gravidez ser mais visível entre as meninas, que observam as colegas engravidarem e muitas vezes abandonarem os estudos. Porém as mesmas não associam ainda a necessidade de conhecimento de métodos contraceptivos com a gravidez. Outro fato que pode explicar o pouco interesse pelos métodos seria a dificuldade em obter os mesmos, visto que o posto de saúde da comunidade é um local aberto, onde todos podem ver aqueles que entram, e muito provavelmente os pais não sabem que suas filhas tem vida sexual ativa. Vitiello (1993) assinala que o uso clandestino dos métodos contraceptivos pelas adolescentes, ou seja o medo que estes sejam descobertos entre seus pertences e denunciem a vida sexual ativa, faz com que estas considerem estes métodos um risco.

Menstruação é um tema que interessa mais às meninas que aos meninos. Para elas ocupa a 4ª posição, para eles a 11ª. O tema foi mais rejeitado pelos meninos que pelas meninas, ficando, respectivamente, na 4ª e 10ª posições da escala de rejeição. Tal fato provavelmente se deve ao entendimento que Menstruação é algo que ocorre só com mulheres, portanto um tema que faria parte apenas do universo feminino. Alguns alunos (Q.24B; Q.18 A) explicaram o não interesse com a frase “não sou mulher”. Para esses

alunos a menstruação é um assunto feminino, não cabendo ao homem a discussão do mesmo.

O tema Masturbação ocupa a última posição na escala de interesse das meninas e é o tema mais rejeitado pelas mesmas. Já para os meninos esse assunto ocupa a 5ª posição e é o 8º mais rejeitado (pouca rejeição) por parte dos meninos. Essas diferenças podem se dar provavelmente pela forma como meninos e meninas são criados. Rodrigues Júnior (1993) indica que a masturbação é reprimida nas meninas e estimulada nos meninos, dessa forma, as meninas ao assinalarem forte rejeição ao tema Masturbação estariam reproduzindo a proibição. Como entre os meninos, a masturbação é estimulada, não apresenta esse grau de rejeição.

Paechter (2009), citando Youdell (2005), assinala que a menina deve ficar em silêncio quando o assunto é sexo, para manter a reputação e não ser vista como ‘vadia’, como menina que tem muita experiência sexual. Dessa forma, as meninas pesquisadas poderiam não se sentir à vontade para assinalar essas alternativas como interessantes, mesmo sabendo que não estavam sendo identificadas. Para elas, mesmo pensar em masturbação ou em assumir o interesse pelo conhecimento do ‘sexo’ pode não ser nem mesmo ser cogitada. O desejo seria algo que deve ser mantido oculto, não para que sua reputação continue intacta.

O tema Homossexualidade ficou respectivamente na 11ª e 12ª posições para meninas e meninos. Porém, ao observarmos a rejeição ao tema vemos que para os meninos esse é o tema mais rejeitado, enquanto para as meninas ocupa a 4ª posição.

Esse fato é observado por Castro, Abramovay e Silva (2004). Para essas autoras, a rejeição ocorre pelo fato dos adolescentes procurarem afirmar sua heterossexualidade negando a homossexualidade, procurando o distanciamento de um comportamento não aprovado pelos seus colegas.

Paechter (2009), assinala que a rejeição por parte dos meninos ao tema homossexualidade, vem da ideia que a simples menção ao tema seria “castrador”. Essa autora relata que em um estudo realizado por Kehily, os meninos acreditavam que “até mesmo falar sobre relações homossexuais fosse potencialmente castrador”. (PAECHTER, 2009 p. 159). Segundo essa autora, o medo de ser reconhecido como homossexual, e das agressões homofóbicas fazem com que esses jovens rejeitem qualquer tipo de amizade com homossexuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concordamos com Ribeiro (1993) sobre a necessidade de iniciar o trabalho de educação sexual intencional a partir de interesses dos alunos. Esses interesses devem ser pesquisados para melhor atender aos adolescentes. Partindo desses interesses podem ser inseridos outros temas que surjam durante a discussão. Acreditamos que mesmo os temas que sejam rejeitados, como Homossexualidade e Masturbação, devem ser trabalhados em sala de aula. A Educação Sexual Intencional deve procurar auxiliar os alunos a compreenderem os motivos dessa rejeição (familiar, cultural, religiosa, ...) para que alunos e alunas possam construir valores próprios, de forma consciente.

Ao procurarmos identificar os temas de maior interesse/desinteresse para alunos e alunas pudemos constatar que meninos e meninas apresentam diferenças quanto ao interesse por determinados temas. Não existe um único modelo que possa atender a todas as expectativas.

Estas variações de interesses entre os sexos provavelmente se deve ao que é esperado socialmente de meninos e meninas no campo da sexualidade. Meninos fortes, ativos, que tomam decisões e sabem como agir no campo da sexualidade e meninas delicadas, passivas que esperam que os meninos saibam o que e como fazer, são estereótipos criados pela sociedade dos dois sexos. Ainda existem, no imaginário de alunos e alunas temas que são verdadeiros tabus, como a homossexualidade para meninos e a masturbação para meninas. Alunos e alunas ao rechaçarem determinado tema por não ser adequado ao seu papel sexual estão se colocando dentro de uma ‘camisa de força sexual’, que impede a plena realização da sua vivência sexual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos: temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. **Juventudes e sexualidade**. Brasília: UNESCO. Brasil, 2004.



CHARLOT, Bernard. **Jovens de Sergipe**: quem são eles, como vivem, o que pensam. Aracaju: UNESCO, 2006.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A mulher escondida na professora**: uma leitura psicopedagógica de ser mulher, da corporalidade e da aprendizagem. Porto Alegre-RS: Artes Médicas, 1994.

FIGUEIRÓ, Maria Neide Damico. **Formação de Educadores Sexuais**: adiar não é mais possível. Campinas, SP: Mercado das Letras; Londrina, PR: EDUEL, 2006.

FURLANI, Jimena. **Mitos e Tabus da Sexualidade Humana**: subsídios ao trabalho em educação sexual. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GROPPI AQUINO, Júlio. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997, p.7-21.

HEILBORN, Maria Luiza. et al . **O aprendizado da sexualidade**: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006.

LEMME, Paschoal. **Memórias de um educador**. v.1 Infância, adolescência, mocidade. 2. ed. Brasília: Inep, 2004.

PAECHTER, Carrie. **Meninos e meninas**: aprendendo sobre masculinidades e feminidades. Porto Alegre: Artmed. 2009.

RIBEIRO, Marcos. (org). Educação sexual nas turmas de segundo grau. In: \_\_\_\_\_. **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.185-190.

\_\_\_\_\_. **Sexo sem mistério**. São Paulo: Saraiva, 1996.

RICHARDSON, Roberto. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

RODRIGUES JÚNIOR, Oswaldo. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (org). **Educação Sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.101-111.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: AQUINO, Júlio G. (org.) **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997a, p.107-117.

VITIELLO, Néelson. Gravidez na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos. (org). **Educação sexual**: novas idéias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993. p.185-190.

WEREBE, Maria José. **Sexualidade, Política e Educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 1993.